

# TRIBUNA LIVRE

AJ16789



MARÍLIA CUSTÓDIO SANTOS

## A Reta da Penha e a origem do traçado

**N**o início dos anos 70, engenheira recém-formada e trabalhando na Prefeitura Municipal de Vitória, coube a mim fazer o projeto de duplicação da avenida Nossa Senhora da Penha. Antigo trajeto do bonde era então uma via estreita e pavimentada em paralelepípedos.

Já naquela época tinha o traçado reto, porém ocupava de forma descentralizada o seu espaço de direito. Vitória tinha sofrido muitas invasões e ocupações irregulares, mesmo na parte que já era abrangida pelo Plano de Urbanização.

Os muros e cercas das propriedades ali existentes eram desalinha- dos, alguns recuados e outros avan- çando até a beira da faixa pavimen- tada. A documentação da maioria dos terrenos era confusa. Não defini- am com exatidão os limites. Ter- ria, porém, que fazer caber ali uma avenida, de qualquer jeito.

Eram tempos de Brasil grande. Tínhamos que correr contra o tempo, compensar o atraso, di- ziam. Não era época de preciosis- mos. Obra tinha que ser feita e ponto final. Se a im- plantação de plano urbanístico ficasse inviável, fazíamos as adaptações necessá- rias. Era um tal de correr com os proje- tos, era tudo "pra on- tem". No caso da avenida Nossa Se- nhora da Penha, o fi- nanciamento já esta- va liberado e a obra não poderia esperar.

Nossa divisão, no Departamento de Obras, tinha um topógrafo o senhor Hilton Olivei- ra, muito competente, metódico e cheio de opinião. Era grande co- nhecedor do acervo da municipa- lidade. Disse-me que a Prefeitura possuía para a região plano proje- tado pelo ilustre engenheiro sani- tarista e também urbanista Satur- nino de Brito, de fama internacio- nal, que no final do século XIX projetou a região norte da Ilha, aí incluindo as avenidas Norte-Sul, depois Leitão da Silva, varias ruas da Praia do Canto e Santa Lúcia e uma avenida reta, na direção do convento que seria a avenida Nos- sa Senhora da Penha.

Esse projeto, dizia-se que esta- va guardado em outro setor da Prefeitura, aos cuidados de outro topógrafo, senhor Vello, também

muito respeitado e de muita opi- nião. Ele e o nosso topógrafo não estavam se falando. Sobrou para mim tentar conseguir o projeto original.

Depois de muita conversa con- segui. Já estava muito envelheci- do, manchado e quase ilegível, mas mostrava os marcos para lo- cação do eixo da avenida. O marco inicial estava cimentado em eleva- ção rochosa, próxima à antiga Ponte da Passagem. O outro era o minarete do Convento da Penha.

Fiz questão de ir junto com o topógrafo e os ajudantes procur- ar o marco na rocha. Encontra- do, foi instalado o teodolito e mi- rado o Convento. Foi emocionan- te. Fiz questão de fazer minha vi- sada também. Daí, foi definido o

eixo da avenida e lançados os alinha- mentos laterais.

Em boa parte da avenida trafegávamos com visão frontal do Convento, como tinha previsto Saturnino de Brito. Já próximo a avenida Desembarga- dor Santos Neves, a visão era um pouco impedida por umas casuarinas velhas e in- festadas de cupins,

que existiam em Santa Helena.

Essas árvores foram retiradas nos anos 90 e passamos então a ter visão do Convento em todo o seu esplendor. O mais belo e ma- jestoso monumento do Estado. Não está situado em Vitória, mas temos dele visão privilegiada.

Essa barriga agora construída no meio da avenida, para atender a Petrobras, descaracterizou um marco da história capixaba.

Tenho a esperança de que a avenida venha a sofrer nova mo- dificação e voltar a ser reta. A Reta da Penha. O acesso aos domínios da Petrobras pode ser reconstruí- do com um trevo apropriado que não interfira no seu traçado.



**Essa barriga construída no meio da avenida descaracterizou um marco da história capixaba**

Marília Custódio Santos é engenheira civil